

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**IVAN ALEXANDRE VENTURA**

**MEMORIAL DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE UM JOVEM DE  
CAMADAS MÉDIAS NO ENSINO SUPERIOR**

**MARIANA  
2023**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**IVAN ALEXANDRE VENTURA**

**MEMORIAL DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE UM JOVEM DE**  
**CAMADAS MÉDIAS NO ENSINO SUPERIOR**

Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de pedagogia da universidade Federal de Ouro Preto, como requisito para a obtenção da graduação em Pedagogia sob orientação da Profa. Dra. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva  
Professor da disciplina: Prof. Dr. Erisvaldo P. dos Santos

MARIANA, 2023

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

V468m Ventura, Ivan Alexandre.

Memorial da trajetória acadêmica de um jovem de camadas médias no ensino superior. [manuscrito] / Ivan Alexandre Ventura. - 2023. 22 f.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva. Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Pedagogia .

1. Ensino Superior. 2. Ensino superior - Pesquisa. 3. Graduação escolar. 4. Prática de ensino. I. Silva, Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 378

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador  
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
REITORIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



## FOLHA DE APROVAÇÃO

Ivan Alexandre Ventura

Memorial da trajetória acadêmica de um jovem de camadas médias no Ensino Superior

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia

Aprovada em 04 de setembro de 2023

Membros da banca

Dra Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Dra Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 04/09/2023



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 12/11/2023, às 16:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0623066** e o código CRC **E53155F9**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.015547/2023-00

SEI nº 0623066

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163  
Telefone: (31)3557-9413 - [www.ufop.br](http://www.ufop.br)



## RESUMO

O presente memorial, em uma abordagem autobiográfica, explora o meu percurso acadêmico e algumas reflexões que visam destacar a minha compreensão do universo educativo do ensino superior. A temática aqui descrita é sobre a Trajetória Acadêmica de um jovem estudante do ensino superior privado ao público. Nele reflito sobre essa passagem de universidades e busco evidenciar se houve benefícios que essa transição me proporcionou. O memorial educacional oferece a possibilidade de rememorar a trajetória de forma não linear, elencando fatos de um estudante, de camadas médias, com duas visões educacionais provindas da experiência em um ensino superior privado e outro ensino superior público. Contraídos dos conhecimentos singularizados e pluralizados advindos do contexto educacional, relacionando os assuntos abordados referidos por mim com os aportes teóricos de alguns pensadores como Paulo Freire, Stuart Hall, Zilda Kessel dentre outros autores que corroboram para a escrita deste memorial, viabilizando minha reconstrução de uma nova visão lançada sobre o papel da docência caracterizando minhas perspectivas e subjetividades sobre uma educação pautada na formação de uma sociedade desprovida de injustiça social. O memorial se encaixa na abordagem qualitativa. Por meio da elaboração dele pode-se apropriar do processo de construção das identidades profissional e pessoal. Ele é importante para lançar um novo olhar social a indivíduos e suas relações pessoais, permitindo um autoconhecimento e, também, a identificação dos próprios limites e as formas de superá-los. Concluo com a relação da prática docente na formação ampliada e os benefícios que a passagem do ensino superior privado para o público me proporcionou juntamente com as minhas expectativas para o futuro.

**Palavras-chave: Docência; Relação Teoria-prática; Ensino Superior; Trajetória Acadêmica.**



## SUMÁRIO

<b>Primeiras palavras</b>	4
<b>I. O início da vida acadêmica aos 20 anos</b>	6
Sentimentos no 1º dia de aula no curso de Pedagogia	8
A presença de docentes do sexo masculino na primeira infância: desafio pedagógico	9
<i>O sentir pertencente naquele espaço: os ares do 2º período no espaço privado</i>	10
O caminho do ensino superior privado para o público	11
A transição acadêmica: do ensino superior privado ao público na UFOP	12
<b>II. A prática na formação docente ampliada do ensino superior público</b>	14
<i>Realização do 1º estágio: O estágio II</i>	15
<i>O olhar do pedagogo na gestão escolar: um diálogo com o Estágio III</i>	15
<i>O programa de Residência Pedagógica</i>	17
<i>Monitoria de Estágio</i>	18
<i>Monitoria do Laboratório de Práticas Pedagógicas ( LAPP)</i>	19
<b>III. Expectativas para o futuro</b>	19
<b>Referências bibliográficas</b>	22

## Primeiras palavras

A escrita do memorial democratiza as narrativas de fatos memoráveis, substituindo o personagem ilustre, o notável, pelo narrador-autor que se coloca em cena como herói de sua própria história, inserindo sua vida intelectual no conjunto da vida científica da academia. Finalmente, a escrita do memorial populariza a autoria pela inscrição de autores não consagrados no discurso acadêmico canônico (PASSEGGI, 2008, p. 37)

Escrever um memorial é escolher ser autor da sua própria história, é poder trazer toda sua experiência e poder contá-la de forma com que os leitores que virão ler possam sentir com gozo os relatos elencados. A trajetória pessoal é vista por mim, narrador-autor desta memória, como fragmento de causalidade, isso porque trata de relatos pessoais que podem reviver lembranças e momentos importantes da vida. Diante disso, veio o desejo de resgatar momentos do meu início, meio e final da graduação podendo refletir sobre a minha formação pessoal e profissional.

O memorial se encaixa na abordagem qualitativa de pesquisa e nele, por meio dos relatos, pode-se notar a construção da personalidade individual. Ele é importante para lançar um novo olhar social a indivíduos e suas relações pessoais, permite um autoconhecimento e os próprios limites. A narrativa da escrita de um memorial permite uma reflexão pedagógica, compreendendo os processos das ações, as reflexões e novas perspectivas.

A minha trajetória acadêmica envolve dois trâmites: o primeiro, sendo a entrada em uma universidade privada que vai de 2019 a 2021 e, o segundo, a partir da transição acadêmica para uma universidade pública que compreende o período de 2021 até 2023. Nasci na cidade de Mariana em 1998, morei em Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto até 2021 e retornei para a minha cidade natal em 2022. Esse sou eu, Ivan Alexandre Ventura, um jovem negro, gay, vindo de família de classe média e autor-narrador deste memorial.

O objetivo central do trabalho é narrar minha trajetória acadêmica desde a escolha por cursar Pedagogia até a escrita deste memorial de conclusão de curso. Tento aqui evidenciar aspectos sobre a minha formação, tanto aqueles que vieram de experiências positivas quanto os medos, as angústias e os desafios durante todos esses anos dentro da universidade, a fim de dizer como esse acesso na universidade me proporcionou uma abertura de horizontes para a docência. Reflito sobre a transição acadêmica do ensino superior privado para o público e reflito em que medida houve benefícios, tendo ciência do quanto é desafiador o exercício da docência em sala de aula.

Para tanto, o presente memorial está organizado em três tópicos. No primeiro, relato sobre o início da minha trajetória acadêmica aos 20 anos e a escolha por cursar Pedagogia, que ocorreu em 2019, em uma universidade privada. Trago sobre o primeiro dia de aula e de como me vi inseguro por estar em um ambiente totalmente diferente do qual estava acostumado e por ser o único estudante do sexo masculino ali presente.

Passando 5 períodos em uma universidade privada, me veio a oportunidade de seguir os estudos em uma universidade pública, quando ocorreu a transição acadêmica do ensino superior privado para o público no meio da pandemia em 2021. Essa passagem de universidades fez com que eu me sentisse pertencente àquele lugar por ter tido mérito pessoal de aprovação em uma universidade pública.

O segundo tópico desta memória diz respeito às práticas na formação docente e de como elas influenciaram meu modo de pensar, agir e de ver a necessidade de aplicar na prática aquilo que está na teoria em sala de aula. Algumas práticas às quais tive experiências serão aqui relatadas com intuito de mostrar a importância delas no desenvolvimento da profissão docente.

Concluindo este memorial, trago no terceiro tópico as minhas expectativas para o futuro e de como esses anos dentro da universidade pública me fizeram ter um olhar mais crítico para o exercício da docência e o desejo de ser um professor transformador. Finalizo elencando os benefícios que a passagem do ensino privado



para o público me proporcionou numa perspectiva de abertura de novos horizontes para a docência.

### **I. O início da vida acadêmica aos 20 anos**

Entrar na faculdade sempre foi uma meta de vida e o caminho para chegar lá eu sabia que não seria fácil. O meu percurso escolar da Educação Infantil até o Ensino Médio foi realizado sempre em escolas públicas e eu sempre tive um apreço por aquele espaço. Espaço este que talvez seja o mais desafiador de trabalhar frente aos desafios diários. O ensino público brasileiro passa por certa precariedade decorrente dos poucos investimentos nas escolas, da baixa cobrança dos pais por melhores atividades dos seus filhos e da desvalorização dos professores decorrente principalmente dos baixos salários e de más condições de trabalho. Esses desafios me fizeram pensar sobre o quanto não me sentia preparado para entrar no Ensino Superior e se realmente queria seguir aquele caminho.

O ano era 2016 quando formei no Ensino Médio e comecei a pensar sobre quais seriam os caminhos a serem seguidos a partir dali. Eu pensava em qual tipo de sujeito queria me formar e me desenvolver profissionalmente. Sujeito que, segundo Stuart Hall (1992), sofre modificações por meio da cultura e do meio social que se está inserido. Hall apresenta três concepções de identidade. A primeira, relacionada à identidade do sujeito do iluminismo baseada no indivíduo centrado, capacitado de razão, de consciência e razão, identidade que independe do seu entorno por ser uma identidade autônoma. A segunda identidade, refere-se ao sujeito sociológico. Ao contrário do primeiro, esse sujeito tem o caráter de não ser autônomo, em relação com outros indivíduos, através da cultura mediada por valores, sentidos e símbolos. A terceira identidade, trata do sujeito pós-moderno. É baseada na descentralização do “eu”, o qual é formado por um conjunto de atributos não muito significativos, pois não almeja uma identidade fixa.

Reflico sobre as identidades porque ao pensar em entrar no universo acadêmico sou levado a pensar sobre a modificação que sofreria pelo meio social universitário e em como eu lidaria com os indivíduos que iria conhecer nesse percurso levando em

conta que eles têm suas particularidades e uma pluralidade de pensamentos e jeitos. Mesmo assim, o desejo de continuar os estudos não me abandonou.

Entre os anos de 2017 e 2019 muitos pensamentos sobre qual carreira seguir pairavam sobre mim. Cheguei a estudar para auxiliar administrativo. Esse curso é de curta duração, mas um curso que me afeiçoei enquanto estava ali, quando concluí algo me dizia que não era aquele espaço que eu queria ocupar. Diante disso, fui pensando sobre a área do Direito. Eu achava importante essa área e magnífica a ideia do título de “Doutor Ivan”. Foi um pensamento que ficou só na cabeça e que logo se tornou algo sem fundamento. Logo reconheci que não tinha apreço em seguir aquele caminho.

Sempre tive em mente que deveria sair do Ensino Médio e já entrar na faculdade, mas não foi o que aconteceu. Na minha visão, o Ensino Médio não prepara os alunos para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), o que ocasiona o não ingresso dos mais pobres na universidade pública. Consequentemente, muitos desses alunos desistem da entrada na universidade ou uma pequena parcela que consegue fazer um curso pré-enem.

Na minha infância toda eu tinha um olhar diferente para a sala de aula. Via-o como um lugar diferente dos demais e era um lugar que eu me imaginava ocupando no lugar de professor. Diante desse desejo de infância, que aflorou em 2019, eu inicio a minha trajetória acadêmica escolhendo de fato o curso de Pedagogia.

No começo de 2019 começo a buscar a faculdade a qual iria estudar para seguir aquele sonho. Como até então não conseguia obter nota suficiente no Enem para entrar em uma universidade pública, vejo como alternativa iniciar em uma faculdade privada e dali tentar migrar para lá. Escolhi o Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH), para começar a realizar esse sonho. A ideia de estudar em outra cidade, e de estar em uma faculdade cursando o curso a qual escolhi para seguir carreira a princípio veio com um turbilhão de emoções, inseguranças, mas ciente que estava ali e que daria o meu melhor nos anos que viriam pela frente.

Decidido o caminho o qual iria seguir, entro no ensino superior privado. A incerteza de me encaixar naquele espaço veio, mas a vontade de realizar um sonho pesou mais e dou início a minha trajetória acadêmica no ensino superior privado.

### *Sentimentos no 1º dia de aula no curso de Pedagogia*

No meu primeiro dia de aula fiquei todo empolgado por estar em um novo universo, empolgação essa que não durou muito quando percebi que em uma sala com 40 pessoas, eu era o único estudante do sexo masculino a estar ali. Saí do primeiro dia de aula e vim com meus pensamentos martelando na minha cabeça até chegar em casa, sobre os motivos pelo qual eu seria o único homem dentre 40 pessoas a escolher o curso de Pedagogia.

Eu só conseguia pensar na frustração a qual fiquei e se realmente aquele era o espaço que eu deveria ocupar. Tinha um sonho de seguir na área da docência e mesmo tendo esse obstáculo que foi a princípio não me encaixar naquele ambiente, o sonho não poderia ter sido deixado para trás, afinal, sou um jovem que sempre busca por mudanças.

E fazendo um recorte da minha vida escolar, lembro-me que na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I só tive contato com professoras. Os únicos professores homens que tive foram de Educação Física. Passei os primeiros meses de aula sem me sentir encaixado naquele lugar. Frequentava as aulas porque meus pais estavam pagando para que eu estivesse ali, pois se eu tivesse estudando com bolsa de estudos eu certamente pensaria em desistir.

O tempo foi passando, eu comecei a me entrosar mais com as pessoas, a fazer parte daquela sala. Eu gostava das disciplinas e de como os professores se portavam. Foi um primeiro período desafiador no qual eu pude perceber com o tempo que era o lugar que eu sempre sonhei em estar, e não poderia deixar pelo fato de ser o único homem na sala de aula interromper o meu sonho. Eu enxergava a possibilidade de fazer a diferença e de que se eu não desistisse, outros poderiam vir com o mesmo pensamento, então eu persisti, não desisti, mas é bom refletir sobre essa questão de gênero na profissão docente na primeira infância.

*A presença de docentes do sexo masculino na primeira infância: desafio pedagógico*

É um desafio pedagógico ter homens atuando na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Fundamental, um dos fatores evidente é por ser considerado uma profissão feminina, e que os homens deveriam ter trabalhos mais braçais como engenheiros, carga e descarga de caminhão, trabalhadores da construção civil dentre outros.

Em 1854 o Decreto Lei de nº 1.331, aprovado em 17 de fevereiro, determinava que meninos e meninas deveriam ter o seu ensino em escolas separadas, não podendo haver escolas mistas. As escolas femininas eram chamadas de “Escolas de Freiras” e as escolas masculinas de “Dom Pedro”. Essa separação tem seu motivo principal na igreja católica que dirigia essas escolas e achava inviável que meninos e meninas estudassem juntos, o que pela visão da igreja, seria prejudicial na formação de famílias. Sobre a separação das escolas em masculina e feminina, Rosemberg (1999), afirma que:

A educação infantil, tanto na vertente creche quanto na vertente pré-escola é uma atividade historicamente vinculada à “produção humana” é considerada de gênero feminino, tendo, além disso, sido sempre exercida por mulheres, diferentemente de outros níveis educacionais, que podem estar mais ou menos associados à produção da vida e de riquezas. Isto é, diferentemente de outras formas de ensino, que eram ocupações masculinas e se feminizaram, as atividades do jardim da infância e de assistência social voltadas à infância pobre iniciaram-se como vocações femininas no século XIX, tendo ideais diferentes das ocupações masculinas que evoluíam no mesmo período (1999, p. 11).

As escolas brasileiras começaram a ser mistas em meados do século XIX, a justificativa dessa junção seria extremamente econômica. Pois, com essa junção os gastos seriam menores. De acordo com o Censo Escolar (IBGE, 2021), 595 mil docentes atuaram na Educação Infantil no ano de referência do levantamento. As professoras correspondiam a 96,3% na Educação Infantil, enquanto professores homens correspondiam apenas 3,7% do total de docentes na faixa. Para Veloso e

Silva (1999), a Educação Infantil iniciou-se com a criação do Jardim de Infância, criado por Friederich Froebel, um pedagogo alemão, no século XIX em que a função de professor era exercida por mulheres, pois para Froebel, a professora deveria ser a guardadora e protetora da infância, deveres estes ligados à maternidade.

Para Veloso e Silva:

Inúmeros fatores influenciam a opção pela profissão e, conseqüentemente, pela formação inicial que, no caso da educação infantil, traz muito da mitificação do magistério como profissão feminina vocacional. Embora se constate que na realidade, a presença da mulher no magistério se deve muito mais às construções culturais e históricas ligadas à ideia de vocação, não se pode afirmar, incondicionalmente, que a tradição no magistério seja aceita sem críticas (1999, p. 56).

No começo eu vivenciei o preconceito que homens expressam quando se trata de cursar Pedagogia. Eu consegui não deixar esse preconceito me impedir de seguir um sonho e saber que o homem pode cuidar tão bem de uma criança como uma mulher. Isso é sentir-se pertencente ao espaço e ao lugar.

*O sentir pertencente naquele espaço: os ares do 2º período no espaço privado*

Voltei para o meu segundo período mais confiante, com mais certeza de que estava fazendo a escolha certa e de me sentir pertencente àquele lugar, afinal, tinha colegas e professores que me ajudaram com essa resolução. No começo de cada período havia eleições para representação de turma, cargo esse que nem me imaginava exercendo, por conta da insegurança e vergonha que eu ainda tinha. Foi uma colega que no dia da eleição mencionou o meu nome para a professora e ela perguntou se eu tinha interesse. Naquele momento exitei, mas concordei em ser candidato, achando que não haveria chances alguma disso acontecer. Para minha surpresa, nas contagens dos votos dos 3 candidatos, eu fui a pessoa mais votada para ser a representante e a mais votada para ser vice a partir do momento que cada aluno votou para quem gostaria de ser representante e vice respectivamente. Diante dessa votação acabei sendo eleito o representante da turma. Havia sido representante no Ensino Médio, mas na faculdade era algo inimaginável. As

responsabilidades eram maiores e eu no meio de tanta gente que via com mais potencial acabei sendo escolhido, ou seja, tinha um pensamento que as pessoas enxergavam algo em mim que até então nem eu mesmo via.

Foram cinco períodos realizados nesta faculdade, sendo que em quatro eu atuei na representação de turma, procurando dialogar com a coordenação, os professores e alunos, além de ser estudante e ter essa responsabilidade. Isso me deu uma vontade maior de fazer a diferença. Estava ali correndo atrás dos meus sonhos, mesmo com os desafios diários que haviam. No decorrer disso nos deparamos com a Pandemia da COVID-19 em que precisamos ficar isolados em nossas casas, o que acarretou em me sentir restrito e ter um processo de adaptação daquela rotina que iniciaria, estava em um dia normal de aula no meu 3º período, no outro dia recebemos o informe de que as aulas não poderiam ocorrer de forma presencial por conta do vírus. Isso não nos impediu de termos aula, pois na mesma semana começamos a ter aulas on-line todos os dias.

Foi um enorme desafio saber que estávamos em um momento crítico no nosso país e ainda por cima ter que nos reinventar para estudarmos em nossas casas. Muitas aulas eram chatas, o fato de estar só na tela do computador me incomodava porque eu gosto do ambiente da sala de aula, de estar com meus colegas e da troca de saberes que tínhamos. O começo foi uma sensação horrível, de impotência, de ter que aprender a lidar com algo novo no momento que me sentia bem, me sentia incluso. Mas, foi essa adaptação que teve que ser feita para continuar trilhando o meu caminho no curso de Pedagogia.

#### *O caminho do ensino superior privado para o público*

Estudar em uma universidade privada tem suas limitações, porém eu estava ali por um sonho o qual segui até a minha trajetória passar por uma mudança. Mesmo na universidade privada eu sentia desejo de ir além, estudava para obter excelentes notas para conseguir a transferência para a universidade pública. Diante disso, mesmo já na graduação, em 2019 realizei o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Em março de 2021, diante de uma postagem nas redes sociais, fiquei sabendo que a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) havia voltado a chamar os estudantes para as aulas mesmo de forma remota, após a paralisação por conta da pandemia.

Novamente, sem esperança, resolvi entrar no site da UFOP e por curiosidade entrei na lista de convocados e me deparei com meu nome entre os convocados. Na hora estava tendo uma aula e simplesmente saí da aula para entender aquilo que estava acontecendo. E pela primeira vez senti que o mérito de estar em uma universidade era meu, não por ser uma universidade mais próxima de casa, mas por ter ciência da qualidade de ensino que ali poderia me proporcionar e de como eu poderia me dedicar mais. Os projetos a qual poderia participar estando na UFOP me proporcionaram experiências únicas que fazem parte da minha trajetória acadêmica, algo que a universidade privada não me proporcionou.

Emoções à flor da pele, um verdadeiro *mix* de emoções, misturado com a dúvida do que fazer já que estava no meu 5º período no UNIBH, pensava que esses anos iriam ser jogados fora, que eu iria ter que começar do zero, mas fui corajoso e aceitei esse novo desafio.

#### *A transição acadêmica: do ensino superior privado ao público na UFOP*

Crescer significa mudar e mudar envolve riscos, uma passagem do conhecido para o desconhecido (SHINN; GEORGE, 2008). A transição acadêmica do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH), para a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), me deu um sentimento de estar inserido em um novo universo em que eu teria que me reinventar para novamente me sentir pertencente naquele espaço. No começo da transição, como o período no UNIBH já havia começado, eu não poderia abandoná-lo e seguir apenas na UFOP, então iniciei o meu 1º período na UFOP juntamente com o meu 5º período no UNIBH conseguindo conciliar em turnos diferentes. Como consegui aproveitar algumas disciplinas que já havia cursado, não tive uma sobrecarga em conciliar esses dois períodos distintos.

Estar na UFOP era também um sonho, pois sabia que entrar ali era um mérito pessoal, algo que batalhei até conseguir. Como ainda estávamos em um processo pandêmico tendo aulas remotas, o contato com os colegas, professores bem como o lugar físico teve que ser aguardado e por já conhecer o sistema de aulas remotas não foi algo que me assustou. A diferença de carga horária das disciplinas foi algo novo, pois antes o meu currículo tinha menos disciplinas e com uma carga horária maior em alguns casos. Quando tive contato com o currículo do curso de Pedagogia da UFOP vi tamanha diferença e pensava em como seria essa reinvenção de adaptação, pois percebendo que exigiria mais de mim como estudante e autor da minha aprendizagem. Me espantei com a carga de leitura que os professores demandavam de nós estudantes, mas não sabia se esse era o ritmo do curso ou se era um fator por conta das aulas estarem sendo realizadas de forma remota. Percebi que eu deveria me esforçar e me dedicar o dobro do que me dedicava antes.

Em março de 2022, as aulas voltaram a ser presenciais e eu precisei lidar com fatores como mudar para a cidade de Mariana, ter um novo ciclo social, aprender a criar uma rotina que condizia com o tipo de estudante que sou e, principalmente, o tipo de profissional que estou me formando para ser. No começo achava que seria muita informação que deveria dar conta e temia acabar não dando. No entanto, foi o inverso disso, pois a acolhida na UFOP por parte dos docentes e dos colegas que de certa forma já conhecia de forma virtual, foi um impacto positivo na minha vida. Eram as pessoas as quais eu conviveria até o fim da graduação, mesmo sem saber quando conseguiria me formar.

Eu já obtivera uma carga teórica muito grande até chegar na UFOP e já estava ansioso para vivenciar aquilo na prática, pois como cita Paulo Freire, “Teoria e prática são inseparáveis tornando-se, por meio da sua relação, praxis e autêntica, que possibilita aos sujeitos reflexões sobre a ação, proporcionando educação para a liberdade” (FREIRE, 1987, p. 38).

Embora tivesse ciência da importância da teoria sentia que faltava algo na minha trajetória acadêmica. Estava ansioso para ir a campo, mesmo sabendo que a docência é uma profissão cheia de desafios, entendendo que a teoria e prática se



relacionam e que sem os fundamentos teóricos e as abordagens pedagógicas não seria possível vivenciar a prática.

Prática essa destinada a ação em campo, em poder articular os conhecimentos teóricos na formação docente, poder ver e sentir a realidade dos sujeitos no processo de formação e traçar estratégias para um melhor ensino aprendizagem. Através dos estágios, do movimento estudantil e do Programa de Residência Pedagógica consigo ver a necessidade e a importância da prática na formação docente e passo a comentar a seguir.

## ***II. A prática ampliada na formação docente do ensino superior público***

O exercício da profissão docente no Brasil é um desafio, desde a formação inicial até a atuação no campo. Os profissionais da educação enfrentam diariamente baixos salários, a jornada dupla ou até mesmo tripla, além do plano de carreira que dificulta a sua progressão e, conseqüentemente, a sua valorização salarial. Fatores como esses influenciam diretamente na atuação do profissional, pensando na perspectiva da sobrecarga de trabalho que resulta em professores e gestores com cada vez menos tempo de preparar um trabalho qualificado, participar da formação continuada e também ter uma vida social.

No curso de Pedagogia, vemos a importância dos estágios supervisionados e de podermos aplicar na prática o que aprendemos em sala de aula. São momentos de reflexão, análise, pesquisa e também de crítica do nosso sistema de ensino, do corpo docente, dos alunos, das famílias e da relação com a formação dos filhos. À escola se delega o dever de transmitir conhecimentos, ensinar, socializar e formar cidadãos. Porém, deve-se lembrar que esses estudantes que irão frequentar a escola saem de casa munidos de costumes e práticas que os permitem conviver em espaços plurais e comunitários. Isso lhes dá uma certa autonomia e também um respeito com a instituição e seus trabalhadores.

Para os autores Tardif e Lessard (2005), a presença dos futuros docentes nos ambientes escolares é necessário para a análise da realidade da escola, na medida em que se cria uma valiosa oportunidade de problematização e articulação da relação teoria-prática, de percepção do cotidiano escolar, de um olhar analítico e crítico sobre todas as suas características. Parte-se das observações do cotidiano da escola, do convívio com a comunidade escolar na experiência dentro e fora da sala de aula, onde o trabalho docente se fundamenta e se realiza.

### *Realização do 1º estágio: O estágio II*

Minha primeira experiência com a prática foi na realização do estágio de observação e docência no 4º ano do Ensino Fundamental, estágio esse que foi de enorme valia para a minha formação. Por meio dele consegui conhecer de perto a prática pedagógica em sala de aula, bem como o funcionamento entre os pares e a escola como um todo.

É notório a importância da presença do futuro pedagogo na escola e no espaço físico. Além disso, é importante ver como os alunos lidam com a formação que eles estão tendo. Por um lado, pude ver como os pais se preocupam com a qualidade do ensino dos seus filhos e procuram estar ativos. Por outro lado, pude vivenciar a prática das professoras diante as adversidades da escola, dos desafios, das dúvidas que a profissão nos impõe e também de como há dificuldades enfrentadas dentro da educação mesmo estagiando em uma escola privada na cidade de Mariana. Um dos desafios que presenciei neste período foi Mediação de conflitos entre aluno x aluno e aluno consigo próprio que demanda o olhar do pedagogo na gestão escolar.

### *O olhar do pedagogo na gestão escolar: um diálogo com o Estágio III*

Sabemos que o pedagogo consegue estar em diversos espaços para além da sala de aula, e no meu segundo estágio realizado na gestão escolar pude perceber um pouco dessa pluralidade que o pedagogo pode ter em sua carreira. Entendi qual o lugar do gestor na educação e que ser gestor requer demandas que necessitam de

peças dispostas a construir um trabalho coletivamente, com responsabilidade e liderança, qualidade as quais, eu acredito estar no caminho para conseguir.

O estágio supervisionado na gestão escolar ocorreu em uma escola pública de Mariana e foi muito importante para a minha formação acadêmica e pessoal porque eu não tinha, até então, noção da importância deste trabalho do coordenador pedagógico, muito menos da sua amplitude. Observando a pedagoga pude entender melhor o trabalho pedagógico dentro da escola e pude evidenciar a importância do diálogo, do qual é importante o pedagogo trabalhar em conjunto com todos os entes da escola e da comunidade.

Ao finalizar este estágio de observação muitas coisas me levaram a refletir sobre meu papel como futuro pedagogo. Ciente de que o trabalho pedagógico não se limita a atividades isoladas e que é um trabalho diversificado, a minha observação no campo, me proporcionou uma experiência muito interessante, me permitindo pensar e repensar a prática pedagógica como um todo. As contribuições que essa experiência de estágio me trouxeram possibilitaram que eu identificasse novas estratégias para solucionar problemas que talvez não imaginasse que fosse encontrar na área profissional. Com isso, tenho certeza que esse estágio acrescentou na minha formação.

#### *A atuação do pedagogo em ambientes não formais: relato do último estágio*

No último período pude conhecer uma das outras possibilidades de trabalho do profissional formado em Pedagogia. Saí um pouco da escola “dita normal” e pude ter uma experiência na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Este estágio me deu oportunidade de conhecer e ter um olhar mais aprofundado em relação às pessoas com necessidades especiais.

Conhecer sobre cada profissional e estudante da APAE me deu oportunidade de ver a grande importância desse espaço, aperfeiçoando-me e complementando o aprendizado na formação docente. Estar neste ambiente proporcionou-me a construção da minha humanização.

### *O movimento estudantil no processo de formação*

O professor em formação deve ter ciência que a sua prática acontece diariamente dentro da sala de aula, pois é o ambiente que nós educadores escolhemos em estar. A universidade pública oferece oportunidades para além de ser estudante, oportunidades estas que te fazem ter um crescimento pessoal e profissional, participar de algo grande como o movimento estudantil que foi uma destas oportunidades a qual pude vivenciar. Como aluno, via o movimento estudantil sendo de grande importância, mas como membro do Centro Acadêmico de Pedagogia (CAPED), vejo-o como necessário, pois é o meio de ligação entre os discentes e docentes dentro da universidade. A luta por melhorias tanto em aulas, infraestrutura, uma luta fora do campus por uma educação de melhor qualidade fazem parte desse espaço.

Ser membro do CAPED me deu oportunidade de olhar com mais crítica o nosso sistema de ensino, principalmente dentro do curso de Pedagogia. O papel que temos para além de estudante é justamente o papel de estar à frente do movimento estudantil, de ser porta voz dos estudantes do curso, de lutar não só por nós, mas por aqueles que fazem parte da universidade e dos que vão chegar. O Centro Acadêmico de Pedagogia se tornou uma família que mesmo com algumas discordâncias estava ali em prol de um bem maior, coletivo.

### *O Programa Residência Pedagógica*

A Universidade Federal de Ouro Preto tem um programa denominado Residência Pedagógica (RP), programa este do governo federal. O Residência Pedagógica é uma atividade de formação realizada por um discente regularmente matriculado em curso de licenciatura e desenvolvida em uma escola pública de educação básica, denominada escola-campo, sob a orientação de docente da UFOP e preceptor da escola. Este programa oferece aos estudantes das licenciaturas a oportunidade de atuar de forma mais concreta em sala de aula. Diferente dos estágios supervisionados que são estágios nos quais você passa a maior parte do seu tempo observando aquele cotidiano, no RP ganha-se mais autonomia juntamente com a preceptora responsável para direcionar o trabalho em sala.

O subprojeto ao qual eu estava inserido no Residência Pedagógica era o de alfabetização matemática, em que percebi melhor que a matemática não é somente ensinar os números, a contagem e as formas geométricas. O termo alfabetização pode ser entendido em dois sentidos principais. Em um sentido *stricto*, a alfabetização seria o processo de apropriação do sistema de escrita alfabético. Para que o indivíduo se torne autônomo nas atividades de leitura e escrita, ele precisa compreender os princípios que constituem o sistema alfabético, realizar reflexões acerca das relações sonoras e gráficas das palavras, reconhecer e automatizar as correspondências som-grafia. É certo, portanto, que, na alfabetização, a criança precisa dominar o sistema alfabético, o que demanda que o professor trabalhe explicitamente com as relações existentes entre grafemas e fonemas. No entanto, esse aprendizado não é suficiente.

O aprendiz precisa avançar rumo a uma alfabetização em sentido *lato*, o qual supõe não somente a aprendizagem do sistema de escrita, mas também, os conhecimentos sobre as práticas, usos e funções da leitura e da escrita, o que implica o trabalho com todas as áreas curriculares e em todo o processo do Ciclo de Alfabetização. Dessa forma, a alfabetização em sentido *lato* se relaciona ao processo de letramento envolvendo as vivências culturais mais amplas.

O Programa de Residência Pedagógica me proporcionou meses de aprendizado, acompanhando em uma turma do 2º ano a qual estava neste processo de alfabetização matemática. É incrível ver de perto como cada aluno pensa, as estratégias que usam nos problemas matemáticos, e saber que em breve eu estarei na frente de uma sala de aula, sendo a referência para esses alunos me faz refletir muito sobre o profissional que estou me formando.

### *Monitoria de Estágio*

Durante três períodos consecutivos atuei na monitoria de estágio, monitoria essa responsável pelas disciplinas de estágio supervisionado do curso de Pedagogia. Nesta monitoria estive ligado ao processo burocrático dos documentos referentes aos estágios, bem como auxiliar os estudantes em suas demandas.

Tive uma boa recepção por parte dos docentes responsáveis e dos alunos os quais tive contato. Essa monitoria acrescentou na minha formação porque está ligada aos processos burocráticos e me deu oportunidade de ter contato com estudantes de diferentes períodos em trocas de saberes. O apreço pela monitoria foi grande, tanto que no terceiro período de realização, por interesse de uma professora responsável, atuei como voluntário dando suporte aos novos estudantes que estavam ali.

### *Monitoria do Laboratório de Práticas Pedagógicas Profa. Hebe Rola ( LAPP)*

O curso de Pedagogia na UFOP tem um Laboratório de Práticas Pedagógicas responsável por oferecer aos estudantes um local para realização de aulas, oficinas, construção de materiais didáticos. Nos últimos dois períodos da graduação fui um dos monitores responsáveis pelo suporte ao funcionamento dele. O LAPP me deu oportunidades de oferecer oficinas para os estudantes do curso com parceria de professores, parceria essa que durante toda a minha formação foi essencial para o melhor ensino aprendizagem e de poder ter esse convívio social com diferentes pessoas.

### **III. Expectativas para o futuro**

É incrível como os quatro anos e meio estudados até aqui passaram rápido. Parece que foi ontem que decidi cursar Pedagogia e seguir o sonho de infância. Sonho esse em ser um professor capaz de transformar a vida dos seus alunos, fazer um trabalho com maestria, igualitário, podendo enfrentar os desafios diários da docência.

A profissão docente exigirá estudos contínuos. Escolher ser professor é ter ciência que vou precisar estudar e me reinventar todos os dias. Muitas pessoas passam pela graduação e se sentem satisfeitas. Eu não quero pegar apenas o meu diploma, entrar em uma escola e me acomodar ali, eu quero ir além, quero lutar por uma

educação de qualidade não somente dentro do ambiente escolar, mas fora dele também.

O papel do professor dentro da sala de aula é crucial para o ensino-aprendizagem dos alunos, mas o papel do gestor pedagógico é fundamental para todo o funcionamento da escola, e nesta área pretendo me especializar. Amo a sala de aula, mas sinto que também posso estar no espaço de gestor pedagógico e trabalhar nestas duas áreas as quais me encantam.

Estudar para progredir em prol de uma educação de qualidade sempre e hoje, aos meus 24 anos, não tenho o sonho que muitos estudantes de graduação almejam que é o de fazer mestrado e doutorado. Acho magnífico quem se dedica a estas formações, porém não sinto que hoje é o lugar que quero estar. Não descarto a possibilidade de no futuro querer, mas hoje o que me faz feliz é saber que a entrada no mercado de trabalho está próxima, que eu logo estarei dentro de uma sala de aula formando cidadãos.

Afinal...

Ensinar exige sempre bom senso para não ser nem um professor licencioso, nem um déspota da educação. A realidade é dado essencial na construção e reconstrução dos conhecimentos, assim como sempre aprender com ela porque ensinar e aprender não são isolados. Fruto dessa inconclusão do ser, é necessário ao bom educador a crença de que mudar é possível. Logicamente como ensinar é participar de várias construções de novos saberes é preponderante que o educador seja curioso e esteja sempre disposto a pesquisar o mundo... Educar exige comprometimento (FREIRE, 2003, p. 96).

A passagem do ensino superior privado para o público me ofereceu benefícios que não imaginaria ter como ir a campo e poder colocar em prática o que tanto via na teoria. Não me acomodei apenas às discussões feitas em sala de aula e procurei trabalhos que me levaram além. O modo que a universidade pública oferece oportunidades de participar de palestras de diferentes áreas e de cursos de extensão é muito significativo. Terminei essa etapa da minha vida com a certeza de que a minha trajetória acadêmica me transformou em um jovem promissor, em minha opinião. Isso porque, a minha trajetória ampliada por vários espaços de

conhecimento me proporcionou desafios aos quais fui capaz de enfrentar e cumprir com êxito, mesmo tendo os obstáculos no meio do caminho.

É uma conquista pessoal significativa estar terminando esta etapa da minha vida. A graduação foi como um divisor de águas, em que consegui adquirir conhecimentos fundamentais na área da educação e, certamente, habilidades que serão valiosas ao longo da minha carreira. Lembrarei sempre que o sucesso não acontece do dia para a noite, mas sim, como resultado de um esforço pessoal durante esses anos dentro do universo acadêmico e ao longo dos anos.



## Referências bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 8a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONÇALVES, Josiane. Peres; CAPRISTO, Zenaide. Ribeiro. Neto; FERREIRA, Verônica. Caroline. de Matos. Ferreira. Professores homens na educação infantil: Aceitação e receio dos familiares que vivenciam essa experiência. **PESQUISA EM FOCO**, v. 20 n. 2, 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.  
IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo da Educação Básica**, 2021. Disponível em:  
<https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/dados-revelam-perfil-dos-professores-brasileiros> Acesso em: 20/06/2023

KESSEL, Zilda. Memória e memória coletiva. São Paulo: **Museu da Pessoa**, 2003 (Conteúdo para Portal).

KESSEL, Zilda. **A construção da memória na Escola**: um estudo sobre as relações entre memória, história e informação na contemporaneidade. 2003. P.167. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais autobiográficos: a arte profissional de tecer uma figura pública de si. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. (Orgs.). **Memórias, memoriais**: pesquisa e formação docente. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 27-42.

RIO DE JANEIRO , **LEI Nº 1.131**, de 17 de Fevereiro de 1854. Aprova o Regulamento para a reforma do ensino primario e secundario do Municipio da Côrte. Portal da Câmara dos Deputados. Disponível em:  
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1331-a-17-fevereiro-1854-590146-publicacaooriginal-115292-pe.html>. Acesso em 12/07/2023

ROSEMBERG, Fúlvia. Expansão da educação infantil e processos de exclusão. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 107, p. 7-40, 1999.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2005.

VELOSO, Carina Sabadi, SILVA Lucy Maria. **Formação e atuação do professor de educação infantil**. UNIVEN 1999. Disponível em:  
<http://www.univen.edu.br/revista/n008/FORMA%C7%C3O%20E%20ATUA%C7%C3O%20DO%20PROFESSOR%20DE%20EDUCA%C7%C3O%20INFANTIL.pdf>. Acesso em: 28/06/2023

VIANNA. Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu**, v.17\_18, p. 81-103, 2001.  
Disponível em: <[https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020//Pagu/2001\(17-18\)/Vianna.pdf](https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020//Pagu/2001(17-18)/Vianna.pdf)>. Acesso em 31/7/2023.